

A GLOBALIZAÇÃO, A CHINA E O MOVIMENTO FEMINISTA: TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS

GLOBALIZATION, CHINA AND THE FEMINIST MOVEMENT: TRANSFORMATIONS AND CHALLENGES

Vanessa Maria Silva 

Divina Aparecida Leonel Lunas 

Roseli Martins Tristão Maciel 

Resumo: O presente artigo explora a complexa relação entre a globalização e o desenvolvimento do feminismo na China, destacando como as mudanças econômicas e sociais decorrentes da abertura econômica iniciada em 1978 impactaram a luta das mulheres chinesas por igualdade de gênero. A globalização trouxe novas oportunidades, como o acesso a ideias feministas globais e a ampliação da participação das mulheres no mercado de trabalho, mas também intensificou desafios, como a persistência de normas patriarcais e a repressão estatal. O movimento feminista chinês, embora influenciado por teorias feministas ocidentais, desenvolveu características únicas dentro do contexto sociocultural e político da China, enfrentando tensões entre modernidade e tradição. O artigo conclui que o feminismo chinês deve ser entendido dentro de seu próprio contexto, reconhecendo que, embora tenha alcançado avanços significativos, enfrenta desafios contínuos em um ambiente político restritivo.

Palavras-chave: Globalização. China. Feminismo. Modernismo.

Abstract: This article explores the complex relationship between globalization and the development of feminism in China, highlighting how the economic and social changes resulting from the economic opening initiated in 1978 have impacted Chinese women's struggle for gender equality. Globalization has brought new opportunities, such as access to global feminist ideas and the increased participation of women in the labor market, but it has also intensified challenges, such as the persistence of patriarchal norms and state repression. The Chinese feminist movement, although influenced by Western feminist theories, has developed unique characteristics within China's sociocultural and political context, facing tensions between modernity and tradition. The article concludes that Chinese feminism must be understood within its own context, recognizing that while it has achieved significant progress, it continues to face challenges in a restrictive political environment.

Keywords: Globalization. China. Feminism. Modernity.

INTRODUÇÃO

Quando se escreve sobre globalização a um infinito conjunto de temas que podem ser abordados em um ensaio, entretanto antes disso é necessário fazer uma definição dessa, para melhor compreendê-la. Ademais, pode-se dizer que a globalização é um processo multifacetado

que envolve a crescente interconexão e interdependência entre países, economias e culturas ao redor do mundo. Como afirma Erick Santos e Hugo Casteletto, (...) é um fenômeno oriundo pós terceira revolução industrial, período esse marcado pela evolução tecnológica, conhecida por possibilitar um aumento considerável na tecnologia disponível para produção e certamente incentivada pelo sistema capitalista,...¹

A globalização abrange diversas dimensões, incluindo a econômica, onde se observa a expansão do comércio internacional e a integração dos mercados financeiros; a cultural, que se manifesta pela disseminação de ideias, valores e práticas culturais; e a política, com a formação de organizações e tratados internacionais que regulam e coordenam atividades globais. Em essência, a globalização tem transformado a maneira como as sociedades se conectam e interagem, gerando tanto oportunidades quanto desafios.

Podemos entender a globalização como o fenômeno que possibilitou a integração mundial em todos os aspectos, favorecidos pela evolução do sistema capitalista que gerou aumento considerável no número de fluxos de pessoas e pensamentos. Porém, é importante ressaltar que essa mesma globalização causou grandes impactos com relação ao aumento da desigualdade.²

Mormente, baseando na sociedade contemporânea é fácil observar que as consequências da globalização vão além da expansão do comércio e do mercado financeiro. Ademais, sendo uma força propulsora vinda do capitalismo, que como é descrito, é desenvolvido através da desigualdade e exploração social, ou seja, pode-se concluir que os dois ligados entre si, levariam para mesmo lugar, competição exagerada e busca pelo lucro financeiro imediato. O autor Milton Santos (2001), escreve que a globalização acaba com a noção de solidariedade e volta o homem a condição primitiva, que acarreta a ideia de cada um por si.³

A partir da globalização, a disputa mundial de mercado aumentou cada vez mais, empresas tem crescido com o intuito principalmente do lucro financeiro. Esse fenômeno ganhou forças no final da década de 80, após a Terceira Revolução Industrial, e um país que teve o início do seu salto econômico nesse mesmo período, influenciado por mudanças trazidas pela era globalizada foi a China.

¹SANTOS, Erick José dos; CASTELETTO, Hugo Santana. *A globalização e seus efeitos na sociedade*. XI EPCC: Anais Eletrônicos, [s. l.], p. 01, 2019.

² SANTOS, Erick José dos; CASTELETTO, Hugo Santana. *A globalização e seus efeitos na sociedade* 2019, p. 03.

³ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 6 ed. Rio de Janeiro. p. 32, 2001.

SILVA, V. M; LIMA, DIVINA APARECIDA LEONEL LUNAS;
TRISTÃO, R. M.
**A GLOBALIZAÇÃO, A CHINA E O MOVIMENTO FEMINISTA: TRANSFORMAÇÕES E
DESAFIOS**

A globalização desempenhou um papel crucial no crescimento e na transformação econômica da China nas últimas décadas. Desde o início das reformas econômicas em 1978, lideradas por Deng Xiaoping, a China adotou uma abordagem gradual de abertura ao mercado global. Esta estratégia envolveu a liberalização econômica, o incentivo ao investimento estrangeiro e a promoção das exportações. Como escreve Luiz Sperancete e Marcos Antônio Martins (2019).

No final dos anos 70 e início dos anos 80, a República Popular da China (doravante RPC) teve a mais formidável virada de rumos na economia com as políticas implementadas por Deng Xiaoping, que ascendeu ao posto de líder supremo da China em 1978. O processo acelerado de industrialização, veio através de profundas transformações econômicas e sociais, conhecido como “Processo de Reformas e Abertura”(…)⁴

A China teve um salto econômico revolucionário nos anos seguintes as reformas trazidas pelo governo. Foi a partir dessas iniciativas que se tornou a segunda maior economia do mundo, caracterizada por um crescimento econômico robusto e uma expansão industrial sem precedentes. Seu papel como "a fábrica do mundo" resultou na produção em larga escala de bens manufaturados, destinados tanto ao mercado interno quanto às exportações. É incontestável o avanço econômico e social chinês, em 30 anos a China passou de um dos países agrícolas mais pobres, para a segunda economia do mundo, com a perspectiva de ultrapassar os Estados Unidos (EUA) e ser a primeira até 2030.⁵

Com essas mudanças trazidas dentro do cenário econômico, social e político da China, vale ressaltar que uma delas é a participação feminina na política chinesa. Ao longo desse ensaio, será abordado o processo de avanço dos direitos da mulher na China, e como os avanços da globalização influenciaram também no papel sociopolítico das mulheres na República Chinesa. A interseção entre a globalização e o feminismo na China exemplifica como forças globais podem influenciar e reforçar movimentos sociais locais.

Ademais, é válido ressaltar que a China com seu imenso território existe uma complexidade em analisa-la como somente uma unidade. Portanto, não existe somente uma linha feminista dentro do país, essa diversidade é influenciada por fatores históricos, culturais, econômicos e políticos que moldam as diferentes perspectivas e estratégias adotadas pelas

⁴ SPERANCETE, Luiz Fernando M; MARTINS, Marcos Antônio F. *Da periferia rumo ao centro do capitalismo: a ascensão econômica internacional da China entre 1978-2008*. 7 Encontro da ABRI. PUC Minas. Belo Horizonte. p. 02, 2019. SPERANCETE, Luiz F. M; MARTINS, Marcos Antônio. F.

⁵ SPERANCETE, Luiz Fernando M; MARTINS, Marcos Antônio F. *Da periferia rumo ao centro do capitalismo: a ascensão econômica internacional da China entre 1978-2008*. 2019, p.03.

feministas chinesas. Essa diversidade de ideias feministas na China reflete a complexidade das lutas por igualdade de gênero no país, onde diferentes abordagens e estratégias são adotadas para enfrentar uma ampla gama de desafios. A interação entre essas várias correntes permite um movimento feminista dinâmico e adaptável, capaz de responder às mudanças e às necessidades da sociedade chinesa contemporânea.

GLOBALIZAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NA CHINA

Mormente, para se compreender melhor sobre os movimentos feministas chineses, é preciso entender a transformação da China com sua abertura de mercado no século XX. A República Popular da China (RPC), antes de suas reformas era marcada por uma economia planificada centralmente com diversos desafios socioeconômicos, esses e demais fatores combinados criaram uma sociedade e uma economia que, embora tivessem alguns avanços, estavam repletas de ineficiências e desafios. Foi nesse contexto que as reformas econômicas de Deng Xiaoping começaram em 1978, marcando uma mudança radical na direção da economia e da política chinesa.

Assim, em 1978, a RPC iniciou um conjunto de reformas econômicas sob a liderança de Deng Xiaoping, marcando o início de uma transformação profunda que levaria o país de uma economia planificada centralmente para uma economia de mercado. Ademais, essas reformas ficaram conhecidas como “Reforma de Abertura”, dentre seus principais objetivos estavam, modernizar a economia chinesa, melhorar o padrão de vida da população e integrar a China na economia global, como escreve Sperancete e Martins (2019).

Nesse processo de introdução de mecanismos de acumulação tipicamente capitalista, o governo chinês optou por reformar gradualmente as empresas estatais, ampliando a autonomia, mas ampliando a capacidade de supervisão, sendo que o objetivo foi valorizar a eficiência e a transparência, portanto, um processo brusco de privatizações foi evitado.⁶

As reformas se iniciaram com a descentralização do poder econômico, que antes ficava a grande cargo do Estado, assim transferido o poder do governo central para os governos locais e empresas. Ademais, em 1980, a China estabeleceu as primeiras Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) em cidades como Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen. Segundo Sperancete e Martins (2019), “regiões ao longo da costa do território chinês destinadas ao desenvolvimento

⁶ SPERANCETE, Luiz Fernando M; MARTINS, Marcos Antônio F. *Da periferia rumo ao centro do capitalismo: a ascensão econômica internacional da China entre 1978-2008*. 2019, p.02.

industrial, oferecendo vantagens para atrair capital estrangeiro”⁷. Essas zonas foram projetadas para atrair investimento estrangeiro, oferecendo incentivos fiscais, regulamentações menos rígidas e infraestrutura melhorada. O sucesso das ZEEs ajudou a impulsionar o crescimento econômico e serviu como modelo para reformas em outras partes do país.

Dentre esses fatores, destaca-se também a abertura do mercado para o comércio exterior, que incentivou as exportações e importações. Desse modo, a adesão da China à Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001 foi um marco significativo, integrando ainda mais o país na economia global e proporcionando acesso a novos mercados e tecnologias. Vale mencionar que essa entrada na OMC foi alcançada sob considerável pressão externa, com os Estados Unidos tendo que superar suas diferenças para integrar a China no comércio mundial, conforme escreve Ho-fung Hung (2018).

O capital norte-americano, tendo muito se beneficiado da terceirização das manufaturas para a China, pressionou persistentemente Washington para que as diferenças políticas entre a China e os Estados Unidos não ficassem no caminho. Os esforços dessa pressão resultaram na decisão da Administração Clinton de desvincular a renovação do status da China como “nação mais favorecida” (NMF) de qualquer preocupação com os direitos humanos em 1994, garantindo à China o status permanente de NMF em 2000 e dando a ela, finalmente, acesso à Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001.⁸

Nesse mesmo período um plano que já havia sido elaborado a muito tempo foi colocado em prática. De acordo com Barbieri e Lisandra Zago (2020), introduzido também em 1978, o Plano das Quatro Estações⁹ enfatizavam a necessidade urgente de modernizar a China e estabelecer conexões com o restante do mundo, impulsionando a expansão econômica e industrial. Para liderar essas transformações, Deng Xiaoping assumiu o poder e promoveu a "construção e modernização socialista". Para isso, era essencial promover a industrialização e integrar-se aos países industrializados, permitindo a troca de tecnologias, a formação de técnicos, investimentos em matérias-primas e o intercâmbio de experiências, entre outros.¹⁰

Com todas essas mudanças no setor econômico, também é válido destacar as mudanças na sociedade chinesa, a abertura econômica e o rápido crescimento industrial resultaram em

⁷ SPERANCETE, Luiz Fernando M; MARTINS, Marcos Antônio F. *Da periferia rumo ao centro do capitalismo: a ascensão econômica internacional da China entre 1978-2008*. 2019, p.03.

⁸ HUNG, Ho - fung. *A ascensão da China, a Ásia e o Sul Global*. Revista de Economia Contemporânea, v. 22, n. 1, p.05, 11 jun. 2018.

⁹ As quatro áreas-chaves de foco eram: agricultura, indústria, ciência e tecnologia, e defesa nacional. Esse plano marcou o início das reformas econômicas e da abertura da China ao mundo, e desempenhou um papel crucial no desenvolvimento rápido e na modernização que o país experimentou nas décadas seguintes.

¹⁰ DELGADO, Mariana Barbieri; ZAGO, Lisandra. *Modernização, Incorporação e Sobrevivência Da População Rural-O Caso Chinês Pós 1978*. v. 16, p. 48, 2020.

uma migração maciça da população rural para as áreas urbanas. Milhões de trabalhadores rurais se mudaram para as cidades em busca de melhores oportunidades de emprego, contribuindo para o crescimento explosivo de megacidades como Pequim, Xangai e Shenzhen.

Segundo Sperancete e Martins (2019), o crescimento rápido da indústria chinesa nas últimas décadas teve como um de seus pilares a troca de tecnologia e a parceria entre empresas estrangeiras e chinesas, conhecidas no mundo corporativo como *Joint Venture*¹¹. Além disso, para que as empresas estrangeiras pudessem acessar o vasto mercado consumidor chinês, era necessário se associar a empresas locais. Esse modelo de parceria garantiu que as indústrias chinesas não fossem enfraquecidas, mas sim fortalecidas pela troca tecnológica.¹²

Outrossim, discutindo essas análises feitas é fato concluir que a China teve seu salto econômico com a era de Deng Xiaoping. Um país que passava por inúmeros problemas internos e externos, teve um salto econômico que levou a RPC a segunda maior economia do mundo. Um crescimento orientado por exportações, uso de tecnologia e crescimento da indústria, a ascensão de um modelo novo, ainda não feito por nenhuma outra nação, se moldando no capitalismo global.

O MOVIMENTO FEMINISTA NA CHINA

Antes de tudo, é necessário conhecer e compreender como o movimento feminista iniciou na China para depois entender como ele permaneceu com o desenvolvimento chinês a partir dos anos de 1970. O Ocidente influenciou de uma forma significativa nos pensamentos feministas que adentraram ao território chinês. Desde do meio da Dinastia Qing (1644-1912), chineses eram enviados a países da Europa para estudos. Ademais, no século XIX, países europeus estavam em um período de discussão do papel feminino na sociedade, essas ideias a partir dos estudantes começaram a adentrar a China.

O início dessas discussões no Ocidente se deram na Inglaterra, na qual as mulheres reivindicaram espaço na sociedade através principalmente do Sufrágio Feminino. Essas ideias

¹¹ Uma *Joint Venture* é uma forma de parceria empresarial onde duas ou mais partes se unem para realizar um projeto específico ou para operar um negócio conjunto. As partes envolvidas compartilham recursos, riscos e recompensas, mantendo ao mesmo tempo suas identidades distintas. Esta colaboração pode ser entre empresas nacionais e internacionais, empresas de diferentes setores ou até mesmo entre organizações e governos.

¹² SPERANCETE, Luiz Fernando M; MARTINS, Marcos Antônio F. *Da periferia rumo ao centro do capitalismo: a ascensão econômica internacional da China entre 1978-2008*. 2019, p.04.

influenciam não somente a Europa como também parte do mundo.¹³ Como afirma Christiane Dabat (2017).

Já no final do século XIX, as preocupações das feministas chinesas da época vitoriana tinham aspectos similares àsquelas de suas contemporâneas na Europa e nos Estados Unidos, com movimentos em grande expansão, seja na dimensão do sufrágismo, seja no movimento operário. Mas, sob o ângulo das circunstâncias concretas deste engajamento, havia grandes diferenças. Com efeito, a realidade que enfrentavam e queriam mudar na China era incomensuravelmente mais adversa, em termos da situação semicolonial do país e da condição da metade feminina de sua população.¹⁴

Após o fim da Dinastia Qing, outros eventos importantes aconteceram, como o Movimento de 4 de Maio de 1919, sendo considerado um movimento anti-imperialista, cultural e político, que foi impulsionado por jovens intelectuais que exigiam a modernização do país e a rejeição dos valores tradicionais, incluindo as normas patriarcais que restringiam as mulheres. As mulheres começaram a exigir igualdade de direitos, incluindo o direito à educação, ao trabalho e à participação política, nesse momento a construção de um feminismo se iniciava.

Com a fundação do Partido Comunista Chinês (PCC) em 1949, algumas mudanças se iniciaram, o governo liderado por Mao Zedong proclamou a igualdade de gênero como um dos seus princípios fundamentais, Mao chegou a dizer que "as mulheres sustentam metade do céu". Nesse período foi criada a *Fulinan* (Federação Nacional de Mulheres da China) estabelecida em 1949 com o objetivo de promover os direitos das mulheres, melhorar suas condições sociais e econômicas, e apoiar a participação feminina no desenvolvimento socialista do país.

A *Fulinan* trabalhou para garantir que as mulheres tivessem acesso a direitos fundamentais, como a educação, o trabalho e a participação política. Ela foi fundamental na implementação e defesa de legislações importantes, como a Lei do Casamento de 1950, que trouxe mudanças significativas nas leis matrimoniais chinesas, garantindo o direito ao divórcio e proibiu o casamento forçado e a poligamia. A autora Daniele Prozczinski (2017) escreve,

Em 1954, com a nova Constituição da RPC, o artigo 94º afirmava a igualdade das mulheres e dos homens em todas esferas, assim como o direito a proteção da mãe e do filho. Para além disso, a Constituição previa, no artigo 86º, a possibilidade de eleição de mulheres para os cargos políticos: "As mulheres têm direitos iguais aos

¹³ Na Inglaterra os primeiros indícios do desejo do direito ao voto se deram entre as décadas de 1830 e 1840, na qual da mesma forma que nos Estados Unidos, as mulheres começaram a se juntar com movimentos abolicionista e o cartismo (movimento operário inglês a favor dos direitos trabalhistas).

¹⁴DABAT, Christine Rufino. História da Luta de Classe. "*Mulheres de ferro*": revolucionárias feministas na China do século XX, [s. l.], 17 maio 2017, p. 29.

homens ao voto e para serem candidatas nas eleições.”(*“Constitution of the People’s Republic of China”*, 1954).¹⁵

Outrossim, apesar do maior acesso das mulheres ao trabalho e à educação, elas continuaram a enfrentar a dupla carga de responsabilidades domésticas e profissionais. As expectativas tradicionais de gênero raramente foram alteradas, perpetuando uma desigualdade persistente. Durante a Revolução Cultural (1966-1976), as questões de gênero foram amplamente suprimidas em prol de uma luta de classes mais abrangente, e a expressão individual, incluindo as reivindicações feministas, foi severamente restringida.

O período antes de 1978, portanto, foi marcado por avanços importantes, mas também por contradições. As mulheres conquistaram novos direitos e maior participação social, mas enfrentaram desafios persistentes, como a dupla carga de trabalho e a manutenção de papéis tradicionais dentro da família. A transição para o período de reformas econômicas pós-1978 trouxe novas oportunidades e desafios para o movimento feminista na China, que continuaria a evoluir em resposta às mudanças econômicas e sociais do país.

MOVIMENTO FEMINISTA PÓS REFORMAS ECONÔMICAS - 1978

Após a abertura da economia chinesa, como já apresentado acima, a China passou por inúmeras mudanças sociais e econômicas. Ademais, entre as socias, obteve-se alterações nos movimentos feministas do território, principalmente pelo fato da influência social advindo do Ocidente. Este período marcou uma transição significativa, onde as questões de gênero começaram a emergir novamente em meio às mudanças sociais e econômicas.

Com a abertura econômica e o contato crescente com o exterior, novas ideias e debates sobre direitos das mulheres começaram a florescer. Nesse período da década de 1980 as ideias da feminista Simone de Beauvoir começou a ganhar força dentro do território, sua obra *Segundo Sexo* (1949) tornou-se acessível a intelectuais chinesas. As ideias de Beauvoir sobre a construção social do gênero e a opressão das mulheres ressoaram entre as feministas chinesas, que estavam buscando novas formas de entender e combater as desigualdades de gênero em um contexto de rápidas mudanças sociais e econômicas.

Na década de 1980, houve um renascimento do movimento feminista na China. Organizações femininas e intelectuais começaram a discutir publicamente temas como desigualdade de gênero, violência doméstica e direitos reprodutivos. Com isso, em 1995 em

¹⁵ Prozczinski, Daniele. *A construção da mulher na China: submissão e feminicídio*. [s.l], p. 04. 2017.

SILVA, V. M; LIMA, DIVINA APARECIDA LEONEL LUNAS;
TRISTÃO, R. M.

A GLOBALIZAÇÃO, A CHINA E O MOVIMENTO FEMINISTA: TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS

Pequim houve a Conferência Mundial sobre a Mulher, que de acordo com Gonçalves (2022), foi crucial para o fortalecimento do ativismo chinês, permitindo que a partir de então, diversas ações feministas fossem divulgadas com o objetivo de tornar a China um lugar com menor desigualdade de gênero.¹⁶

Apesar de ter experimentado mudanças importantes, o ativismo feminista chinês enfrenta e continua enfrentando desafios consideráveis, incluindo pressão tanto social quanto estatal, como escreve Gonçalves (2022).

Embora tenha havido um empoderamento do feminismo na China e a discussão em torno do gênero tenha começado a ganhar as universidades, as mulheres ainda sofrem com as pressões sociais e os estereótipos que as definem. Elas nunca são só indivíduos com desejos, são solteiras, casadas, mães. Existe um termo utilizado para as mulheres urbanas, profissionais, que não se casam até os 27 anos, elas são vistas na sociedade como as que sobram, em inglês *leftover* [...]. Este termo foi criado e difundido, em 2007, pela *All-China Women's Federation*, justamente a organização criada pelo Partido Comunista para tratar de assuntos referentes às mulheres [...]¹⁷

Outro ponto a ser mencionado, que na década de 1980 controle populacional passou a ser prioridade do governo chinês. Formalmente, iniciou-se um incentivo a casamentos tardios e à prática de ter apenas um filho por família, acompanhados por intensa propaganda política e maior acesso a métodos contraceptivos, mas os resultados desejados não foram alcançados.¹⁸

A política do filho único reforçou a preferência tradicional por filhos homens, especialmente em áreas rurais. Além disso exerceu uma pressão enorme sobre as mulheres, para dar à luz um filho homem, o que muitas vezes resultou em tensões familiares e discriminação dentro do próprio núcleo familiar. Ao mesmo tempo, em famílias que tiveram apenas filhas, essas meninas passaram a receber mais investimentos em educação e oportunidades, quebrando um pouco a tradição de priorizar os meninos.

Quem mais foi afetada com tudo isso foram as mulheres chinesas, o preferencial a filhos homens teve resultados como um aumento de abortos seletivos de fetos femininos, abandono de meninas, e até infanticídios, contribuindo para um desequilíbrio de gênero significativo na população chinesa. A autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos foi severamente

¹⁶ GONÇALVES, Tuane Oliveira. Feminismos e vivências: uma análise das relações de gênero na China continental. *Zi Yue*, v. 2, n. 01, 14 ago. p. 123. 2022.

¹⁷ GONÇALVES, Tuane Oliveira. *Feminismos e vivências: uma análise das relações de gênero na China continental*. 2022, p.123.

¹⁸ Prozczinski, Daniele. *A construção da mulher na China: submissão e feminicídio*. 2017, p.06.

restringida, e muitas foram penalizadas por terem mais de um filho. Como afirma Prozczinski (2017),

Nas áreas rurais, sobretudo, inúmeras mulheres foram forçadas a abortar e esterilizadas, mesmo em gestações avançadas. Muitas, tiveram que viver escondendo a sua gravidez, com medo de represálias, continuando a trabalhar até o fim da gestação, no mesmo ritmo, até terem o bebê. Quando descobertas, algumas crianças eram retiradas das famílias, outras tinham que pagar uma multa para o Estado até a criança fazer dezoito anos. Igualmente, havia punições a nível profissional, já que o filho tinha que ser autorizado pelas unidades de produção.¹⁹

Em 2015, a política do filho único foi oficialmente encerrada e substituída por uma política que permite dois filhos por casal, em resposta às preocupações com o envelhecimento da população e a falta de equilíbrio de gênero. No entanto, os efeitos ainda são sentidos, e as mulheres continuam a enfrentar desafios relacionados à reprodução, carreiras e expectativas sociais.

Mesmo com a abertura econômica e as reformas sociais na China, o movimento feminista ainda continua um pouco recluso. Enquanto o movimento feminista gerava interesse econômico e político por parte dos governantes, ele foi incentivado sem maiores problemas. No entanto, quando esse ativismo começou a ser visto como uma ameaça à hegemonia do poder, tornou-se um alvo do Estado, enfrentando censura e até perseguição. Dessa forma, a história do feminismo na China não é apenas uma história de lutas por direitos, mas também de muitas contradições.²⁰

Por isso, o exemplo das lutas e repressões enfrentadas pelo feminismo chinês ilustra claramente como, apesar dos avanços importantes em termos de redistribuição – como o acesso das mulheres a carreiras e educação –, o reconhecimento, por outro lado, é constantemente negado a elas. Isso é evidente nos persistentes casos de assédio sexual, nos rótulos e estereótipos que estigmatizam as mulheres, inclusive através da linguagem que as define. É importante destacar que o reconhecimento é ainda mais difícil de alcançar porque o Estado chinês não permite um diálogo aberto e construtivo com as mulheres que buscam romper as estruturas patriarcais da sociedade.²¹

¹⁹ Prozczinski, Daniele. *A construção da mulher na China: submissão e feminicídio*. 2017, p.08.

²⁰ GONÇALVES, Tuane Oliveira. *Feminismos e vivências: uma análise das relações de gênero na China continental*. 2022, p.125.

²¹ GONÇALVES, Tuane Oliveira. *Feminismos e vivências: uma análise das relações de gênero na China continental*. 2022, p.125.

Em virtude dos fatos mencionados, a interseção entre a globalização, a ascensão da China, e o movimento feminista revela uma dinâmica de transformações e desafios profundos. A globalização trouxe à China não apenas oportunidades econômicas, mas também novas ideias e debates sobre igualdade de gênero, que influenciaram o movimento feminista no país. No entanto, essa evolução foi acompanhada por desafios significativos, incluindo a resistência cultural, a repressão estatal, e as persistentes desigualdades de gênero, exacerbadas por rápidas mudanças sociais e econômicas.

Outrossim, é fato destacar que o feminismo na China se desenvolveu em um ambiente cultural, histórico e político único, que difere significativamente das experiências e lutas feministas no Ocidente. Essa questão sugere que tentar entender o feminismo chinês apenas através das teorias e práticas ocidentais, sem considerar a experiência das mulheres na China, pode ser inadequado. As práticas feministas nem sempre se ajustam às mesmas categorias analíticas. Os movimentos feministas na China possuem características distintas e particulares.²²

O futuro do movimento feminista na China dependerá de sua capacidade de continuar se adaptando a um contexto global em constante mudança, mantendo o diálogo com outras correntes feministas internacionais e enfrentando os desafios impostos por um ambiente político restritivo. Assim, as transformações e desafios discutidos ao longo deste artigo refletem a complexa realidade de um movimento que, apesar dos obstáculos, segue buscando a igualdade de gênero em um mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

DABAT, Christine Rufino. História da Luta de Classe. **“Mulheres de ferro”: revolucionárias feministas na China do século XX**, [s. l.], 17 maio 2017.

DELGADO, Mariana Barbieri; ZAGO, Lisandra. **Modernização, Incorporação e Sobrevivência Da População Rural - O Caso Chinês Pós 1978**. v. 16, 2020.

GONÇALVES, Tuane Oliveira. **Feminismos e vivências: uma análise das relações de gênero na China continental**. Zi Yue, v. 2, n. 01, p. 119–126, 14 ago. 2022.

²² GONÇALVES, Tuane Oliveira. Feminismos e vivências: uma análise das relações de gênero na China continental. 2022, p.125.

HUNG, Ho - fung. **A ascensão da China, a Ásia e o Sul Global**. Revista de Economia Contemporânea, v. 22, n. 1, 11 jun. 2018.

Prozczinski, Daniele. **A construção da mulher na China: submissão e feminicídio**. [s.l], 2017.

SANTOS, Erick José dos; CASTELETTO, Hugo Santana. **A globalização e seus efeitos na sociedade**. XI EPCC: Anais Eletrônicos, [s. l.], 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 6 ed. Rio de Janeiro. 2001.

SPERANCETE, Luiz F. M; MARTINS, Marcos Antônio F. **Da periferia rumo ao centro do capitalismo: a ascensão econômica internacional da China entre 1978-2008**. 7 Encontro da ABRI. PUC Minas. Belo Horizonte. 2019.